

Brasil precisa transformar potencial em segurança energética, dizem especialistas

O Brasil tem diversas fontes de energia, muitas delas limpas, mas precisa transformar o potencial em segurança energética. Foi o que afirmaram os especialistas que participaram do evento “Perspectivas para o setor de energia: regulação, resiliência, inovação e data centers”, promovido nesta sexta-feira (31/10) na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro.

O evento foi organizado pela **FGV Conhecimento** e coordenado por **Benjamin Zymler**, ministro do Tribunal de Contas da União e coordenador acadêmico da FGV Justiça.

O ministro de Minas e Energia, **Alexandre Silveira**, criticou a aprovação da Medida Provisória 1.304/2025, na véspera, pelo Congresso Nacional. Segundo ele, a medida representou uma vitória de lobbies sobre o interesse público.

A MP 1.304/2025 trata de diversos temas do setor elétrico. Durante a votação na Câmara dos Deputados, foi retirado do texto o dispositivo que criava uma cobrança de R\$ 20 a cada cem quilowatts-hora (kWh) sobre novos projetos de geração distribuída — modalidade que inclui pequenos sistemas, geralmente de energia solar, instalados em telhados, fachadas e terrenos.

Esse item da MP era essencial para equilibrar o sistema, destacou Silveira. “Precisamos dar segurança energética ao povo brasileiro. Sem baterias, nós vamos ao colapso energético. Teremos excesso de geração e dificuldades na operação do sistema, que não consegue enxergar o volume de energia distribuída que está entrando.”

O ministro afirmou que o país deve adotar medidas urgentes para equilibrar a geração distribuída, especialmente diante do avanço da micro e da minigeração solar. Segundo ele, o governo pretende publicar ainda neste ano uma portaria para viabilizar o primeiro leilão de baterias do Brasil, previsto para ocorrer no primeiro trimestre de 2026.

De acordo com Silveira, o leilão buscará contratar capacidade de armazenamento para ampliar a previsibilidade e a segurança do sistema elétrico, em meio ao aumento da participação de fontes renováveis intermitentes.

Além disso, o ministro defendeu a implementação de data centers, citando a necessidade deles para o desenvolvimento de tecnologias. E disse que a energia nuclear é essencial para o país, por ser limpa e termos urânio em abundância.

Criticada por ambientalistas, a exploração de petróleo na Margem Equatorial pela Petrobras — recentemente autorizada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) — foi defendida por Silveira.

“Se o Brasil é um país que ainda tem que combater a miséria, a fome, a desigualdade social, não pode abrir mão do petróleo. Somos um país de pluralidade energética. Temos que aproveitar nossas riquezas de forma sustentável e com inclusão social.”

Ameaças

Alexandre Silveira disse ter recebido ameaças de representantes do setor de geração distribuída (GD) em seu celular há cerca de um ano, após se opor a uma proposta que ampliaria subsídios ao segmento.

“Quando fui à Câmara dos Deputados para derrubar R\$ 2,5 bilhões que queriam enfiar na CDE (*Conta de Desenvolvimento Energético*), recebi ameaça no meu celular. Está guardadinha para a hora certa. Ameaça do setor de GD. Não entendi nada. Minha carteira não está assinada por eles, está assinada pelo governo do Brasil”, afirmou o ministro a jornalistas, sem revelar quem teria feito tais ameaças.

Divulgação



Fundação Getúlio Vargas do Rio recebeu debate sobre questões do setor de energia

Silveira disse que não se intimidou com as mensagens e atribuiu a serenidade à sua formação como delegado de polícia, o que, segundo ele, o impede de se assustar com “bate-pé, bicho-papão ou ameaças sem relevância”.

O ministro declarou que apenas defendia o interesse público ao se posicionar contra novos incentivos à geração distribuída. “Eu defendia o óbvio. Não precisamos de mais subsídios para GD no Brasil. Não podemos admitir que a CDE continue recebendo penduricalhos de interesses que não são nacionais.”

Novas perspectivas

O presidente da Light, **Alexandre Nogueira**, afirmou que a quarta revolução industrial depende de data centers, que precisam ser instalados onde há conexão de dados. De acordo com ele, o Rio de Janeiro é um local ideal para isso, pois tem conexão com América do Norte, Europa e África e confiabilidade de rede, já que é abastecido por Itaipu e sistemas do sul e do norte.

Joisa Dutra, diretora do Centro de Estudos em Regulação e Infraestrutura da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ceri), ressaltou que o aumento dos preços de energia nos últimos anos se deve a resiliências. No setor elétrico, isso significa a capacidade de uma rede de resistir a eventos climáticos extremos e se recuperar o mais rápido possível caso ocorra uma interrupção no fornecimento de energia. Os eventos do últimos tempos têm elevado os gastos, segundo ela.

Por sua vez, **Maurício Tolmasquim**, conselheiro da Axia (ex-Eletronorte), disse que a energia é o limite físico da economia digital. “Não existe inteligência artificial sem energia limpa, estável e barata.”

O grande desafio, na sua visão, é conciliar a energia solar e a eólica com as demandas dos data centers. O próximo passo que o setor tem de dar é transformar o potencial de energia variável em energia firme, disse ele.

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2025-out-31/brasil-precisa-transformar-potencial-em-seguranca-energetica-dizem-especialistas/>